



## **A representação da identidade feminina no mundo globalizado do século XXI: uma leitura de *Azul-Corvo* de Adriana Lisboa**

Representation of female identity in a globalized world of the twenty-first century: an interpretation of *Azul-Corvo* by Adriana Lisboa

Wilma dos Santos Coqueiro <sup>1</sup>

**Resumo:** Esse trabalho, que se respalda em obras teóricas da filosofia existencialista, centrou-se na análise dos aspectos existenciais marcantes na representação da identidade pós-moderna, no romance *Azul-corvo*, publicado em 2010, por Adriana Lisboa. Esse romance difere das narrativas de outras escritoras contemporâneas, sobretudo as publicadas nos anos 70 e 80, uma vez que não há muita ênfase na problemática das relações de gênero.

**Palavras-chave:** Romance de autoria feminina; Adriana Lisboa; identidade no mundo globalizado; conflitos existenciais.

**Abstract:** This paper, which is based on theoretical studies of existentialist philosophy, focused on analyzing remarkable existential aspects in the representation of postmodern identity, in the novel *Azul-corvo*, published in 2010, by Adriana Lisboa. This novel differs from other narratives of contemporary writers, especially those published in the 70s and 80s, since there is not much emphasis on the gender relations issue.

**Keywords:** Female authorship novel; Adriana Lisboa; identity in a globalized world; existential conflicts.

A obra *Azul-Corvo*, publicada em 2010, tem como autora uma das mais elogiadas escritoras da Literatura de Autoria Feminina contemporânea, por apresentar um estilo sóbrio e elegante, Adriana Lisboa, que estreou na literatura em 1999, com o romance *O fio da memória*. A escritora, que já ganhou entre outros, o Prêmio José Saramago pelo romance *Sinfonia em Branco*, de 2001, mora atualmente nos Estados Unidos, onde escreve e traduz ficção.

Diferentemente de muitas ficcionistas mulheres que abordam em suas obras os conflitos e a problemática dos gêneros no contexto patriarcal decadente das décadas finais do século XX, como, entre outras, Nélida Piñon, Sônia Coutinho, Lya Luft e Helena Parente Cunha, as obras de Adriana Lisboa refletem sobre a busca de identidade no

---

<sup>1</sup> Wilma dos Santos Coqueiro é Mestre em Letras, pela Uel, e atualmente faz Doutorado na Uem, área de concentração em Estudos Literários, desenvolvendo trabalho sobre Literatura de Autoria Feminina Contemporânea. É docente do Departamento de Letras da Unespar/Fecilcam, campus de Campo Mourão. Integra os Grupos de Pesquisa em Diálogos Literários e LAFEB.

contexto de um mundo globalizado, sem aprofundar as questões de gênero. A autora busca abordar questões como pertencimento, história política recente do país e imigração, inserindo o indivíduo, independente de ser homem ou mulher, nesse contexto desolador e caótico.

Desse modo, *Azul-Corvo* torna-se uma obra bastante singular por narrar, de forma autodiegética, o doloroso processo de formação de uma adolescente órfã, Vanja ou Evangelina, de 13 anos, e sua busca pelo pai desconhecido em um país distante, em meio a um mundo globalizado, no qual as identidades encontram-se cada vez mais dilaceradas. Nesse sentido, é importante observar que, além dos temas contemporâneos citados, a obra se destaca por representar questionamentos existenciais como a questão da identidade, a busca de um lugar no mundo e a angústia diante da morte, além do processo de autoconhecimento e amadurecimento que perpassa a história da protagonista.

Nesse sentido, uma obra teórica fundamental para compreensão das problemáticas representadas no romance é *O Existencialismo é um Humanismo*, do crítico francês Jean Paul Sartre (1905-1980), cuja edição é de 1978, que é a transcrição de uma conferência proferida em 1946. Nessa obra, que discute temas existenciais polêmicos, que irão explodir, de forma trágica, na denominada pós-modernidade, Sartre, ao buscar responder as censuras dirigidas aos existencialistas pelos católicos e marxistas, discute sobre alguns valores existencialistas como liberdade de escolha, liberdade individual e a angústia humana perante a responsabilidade das escolhas, temas esses que perpassam, de forma insistente, a obra de Adriana Lisboa.

O autor, ao resumir os valores existencialistas, enfatiza que os mesmos têm sido compreendidos como a filosofia do niilismo radical e extremo desespero, mostrando sempre o lado sórdido da vida. Para ele, é justamente o contrário, pois, ao denominar a filosofia existencialista de Humanismo, Sartre a define como “uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana” (1978, p. 04). Para Oilson (1970), um estudioso da obra de Sartre, a vida de todo ser humano é, de acordo com a filosofia existencialista, “pontilhada de perdas irreparáveis” (p. 28). Por isso, “a vida digna de ser vivida é a que encara esse fato de frente” (idem).

Nessa perspectiva, as trajetórias da adolescente Vanja e do ex-combatente da Guerrilha do Araguaia, Fernando, refletem essas histórias de perdas e buscas. Com a morte da mãe, uma vez que as mães da família, “morrem cedo”, Vanja, decide com a ajuda do ex-marido desta e seu pai na certidão de nascimento, procurar pelo pai

biológico, um americano que abandonara a mãe logo depois de ela ter ficado grávida. Para isso, parte para os Estados Unidos, onde nascera e de onde viera muito pequena, para iniciar a sua busca: “Não era uma aventura. Não eram férias nem diversão nem passatempo nem mudança de ares, eu ia para Os Estados Unidos me hospedar com Fernando com um objetivo bem específico em mente: procurar meu pai” (LISBOA, 2010, p. 65).

Fernando, por sua vez, reflete o drama da chamada “geração Beat”, que acreditou na utopia de transformar o Brasil em um país com justiça social. Como um dos integrantes do PC do B, dos anos sessenta, com o objetivo de aprender as técnicas de guerrilha para promover uma revolução socialista no maior país da América do Sul, a partir do modelo chinês, ele viaja até a China onde frequenta a Academia Militar de Pequim. Na volta ao Brasil, quando ganha o codinome de Chico Ferradura, ele participa do trágico episódio da *Guerrilha do Araguaia* (1967-1974), na qual a maioria dos rebeldes foram impiedosamente torturados e dizimados pelo governo ditatorial, entre 1973 e 1974. De cerca de oitenta guerrilheiros, calcula-se que apenas vinte tenham sobrevivido, entre eles o ex-presidente do Partido dos Trabalhadores, José Genoíno.

Como outros, ele estava convencido, conforme mais tarde ele ia me contar – a mim, que não era tão estranha àquela história – de que a derrubada da ditadura militar no Brasil teria que ser feita pegando em armas. Eleições? Possibilidade que não existia. O caminho da transição pacífica não era um caminho. Os revisionistas podiam dizer o que quisessem: rachas aconteceriam e novos partidos nasceriam, confiantes na luta armada popular. Uma longa guerra de libertação do povo brasileiro, desenvolvida sobretudo no interior, e com a guerra de guerrilha como estratégia inicial. (LISBOA, 2010, p. 43).

No Araguaia, Chico conhece a destemida guerrilheira de codinome Manuela, por quem se apaixona e de quem desconhece o paradeiro, após passar por algumas prisões e se exilar nos Estados Unidos, trabalhando como faxineiro. Com efeito, ela representa ficcionalmente os mais de cinquenta guerrilheiros que ainda hoje são considerados desaparecidos políticos, porque não tiveram seus corpos encontrados e devolvidos às famílias, e figura na obra ao lado de personagens reais como José Genoíno, Elza Monerat e Osvaldo Orlando da Costa, o Osvaldão. Esse último, carismático e temido guerrilheiro

do Araguaia, tinha fama de “ter o corpo fechado” e foi morto por uma patrulha militar, em 1974: “Em fevereiro, caiu o Osvaldão, outro que estava lá desde o início, que era o guerreiro imortal dos comunistas. Seu corpo foi exibido nos povoados. O imortal estava morto” (LISBOA, 2010, p. 206). Nesse aspecto, a crítica da autora à história recente brasileira é bastante contundente, e ocorre por meio da voz da adolescente Vanja, que ao conhecer Fernando, redescobre a história de seu país que não era contada na escola, protegida pela enorme “cortina de silêncio”, imposta por governos militares, como Emilio Garrastazu Médici e Ernesto Geisel, uma vez que “as verdades feias foram ao banheiro e retocaram a maquiagem” (LISBOA, 2010, p. 44).

Ao misturar passado e presente, de forma imbricada e simultânea, abarcando cerca de quarenta anos da história do país, a autora mostra que em início dos anos noventa, que coincide com a volta de Vanja e sua mãe ao Brasil, com a Primeira Eleição Direta no país, após mais de vinte anos, foi extremamente frustrante para a maioria dos brasileiros que achavam que estavam contribuindo para a construção de um novo país, assim como os guerrilheiros do Araguaia tinham idealizado, vinte anos antes.

Os anos eram noventa e ela *votava para presidente da República*, todos os brasileiros maiores de idade *votavam para presidente da República*, ainda estavam aprendendo a manejar esse grau de civismo, mas um dia chegariam lá, ela dizia. Chegaríamos lá. (LISBOA, 2010, p. 31).

Chegando ao século XXI, com a adolescência da protagonista Vanja, a autora representa no contexto da globalização ocorrida de forma cada vez mais acelerada nas últimas décadas, os movimentos emigratórios ocorridos nos países de terceiro mundo, não mais expulsos de seu país pela repressão política, como Fernando, nos conturbados anos 70, mas por condições sociais e de segurança. Dessa forma, podemos observar o desenvolvimento da temática principal da obra que é a questão do pertencimento *versus* desenraizamento.

Conheci imigrantes brasileiros que tentavam esquecer que eram brasileiros. Arranjavam parceiros americanos, filhos americanos, empregos americanos, guardavam a língua portuguesa dentro da garganta num lugar de difícil acesso e só se orgulhavam de suas origens, quando alguém mencionava de modo elogioso o samba ou

a capoeira ( essa última também, na origem, a luta dos deslocados, dos expatriados, dos arrancados de casa)(...) Fora isso, o Brasil era um lixo. E aliás estava cada vez pior. Cada vez pior. (LISBOA, 2010, p. 70).

Sobre essa questão da identidade na sociedade contemporânea globalizada, Stuart Hall, na obra clássica sobre *A identidade cultural na pós-modernidade*, de 1991, mas cuja edição é de 2011, salienta que existe uma “crise de identidade” na contemporaneidade. O autor afirma ainda que simpatiza com afirmação “de que as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (HALL, 2011, p. 08). Para entender o percurso de esfacelamento das identidades, Hall apresenta três concepções de identidade: (a) sujeito do Iluminismo; (b) sujeito sociológico e (c) sujeito pós-moderno. Fazendo uma breve distinção: o sujeito do Iluminismo, cartesiano, era considerado “totalmente centrado” e unificado; já o sujeito sociológico, refletindo a complexidade do mundo moderno, era formado por suas inter-relações pessoais, ou seja, interação entre o eu e a sociedade; e o sujeito pós-moderno, por sua vez, seria o que assume várias identidades diferentes e contraditórias. Segundo ele, “o sujeito está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não-resolvidas” (2011, p.12).

Hall argumenta que o processo de globalização, ao provocar mudanças sociais rápidas, provoca também um impacto na identidade cultural. O autor explica que isso ocorre uma vez que “o próprio processo de identificação através do qual projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (2011, p. 13). No contexto do romance, isso pode ser observado tanto na trajetória de Vanja quanto na de Fernando. Ao se afastarem de seus lugares de origem, eles perdem os lugares fixos, nos quais tinham raízes, fazendo com que suas identidades tornem-se esfaceladas. Com efeito, parece que tanto Vanja quanto Fernando apresentam o mesmo sentimento de tentativa de (re) construção das identidades em mundo cada vez mais globalizado. Para Vanja, que já nasceu em um contexto de descentramento, esse sentimento de desenraizamento se insere em um reino apenas de possibilidade: “Depois percebi que a vida fora de casa é uma vida possível. Uma vida entre muitas vidas possíveis” (LISBOA, 2010, p. 72). Já para Fernando, que vivenciou a utopia de um país integrado por meio do socialismo, esse sentimento de perda é bem mais agudo: “Ninguém muda. A gente vai se acostumando com as coisas. Vai se adaptando” (LISBOA, 2010, p. 62).

Hall, ao relatar o surgimento desse sujeito pós-moderno, de identidade móvel, formada e transformada, de forma contínua na era global, aborda os “descentramentos” sofridos pelo sujeito cartesiano moderno, o qual era tido como racional e portador de identidade fixa e imutável, na segunda metade do século XX. O autor explica que o primeiro descentramento seria o provocado pelas novas interpretações da obra de Marx, que efetivamente pertence ao século XIX, mas foi revista na década de setenta do século XX. De fato, a afirmação de Marx, de que “os homens fazem a história, mas somente sob as condições que lhes são dadas” (In HALL, 2011, p. 62), evidencia-se na frustrante história do ex-guerrilheiro Fernando, que busca transformar a história de seu país, mas vê a revolução idealizada fracassar por falta de apoio popular e acaba se auto-exilando em um outro país: “Os militares arrematariam o extermínio da guerrilha com a Operação Limpeza – esse nome simples, cristalino, honesto, que dispensa interpretações” (LISBOA, 2010, p. 206).

Outro descentramento importante foi a descoberta do inconsciente por Freud, o que possibilita a destruição da noção de um sujeito de identidade fixa. Para a concepção psicanalista, “nós continuamos buscando “a identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos” (HALL, 2011, p. 39). Isso se revela na identidade de Vanja que, aos treze anos, busca reconstruir seu passado, tentando resgatar o que de fato nunca tivera:

Eu tinha treze anos. Ter treze anos é como estar no meio de lugar nenhum. O que se acentuava devido ao fato de eu estar em meio a lugar nenhum. Numa casa que não era minha, numa cidade que não era minha, num país que não era meu, com uma família de um homem só que não era, apesar das interseções e intenções (todas elas muito boas), minha. (LISBOA, 2010, p. 11-2)

O surgimento da crítica teórica e movimento social do Feminismo também provocou um grande impacto no descentramento das identidades. A obra de Adriana Lisboa, na esteira das conquistas feministas pós anos sessenta, embora não aprofunde o debate sobre as questões de gênero, apresenta esse caráter subversivo e revisor, questionando as distinções entre “dentro” e “fora”, “privado” e “político”, representando o gritante desencontro que ainda acontece entre homens e mulheres em pleno século XXI. No romance, isso ocorre nos relacionamentos entre Fernando e seus três amores: Manuela, a paixão da juventude que desaparece em meio a Guerrilha do Araguaia;

Susana, a mãe da protagonista, com que se casa e se separa nos Estados Unidos e de quem assume a filha; e Isabel, seu último amor, a bela porto-riquenha, que acaba voltando ao seu país e deixando-o sozinho. Sobre o relacionamento de Fernando e Susana, a construção do parágrafo, em forma de paralelismo, marca o relacionamento fadado ao fracasso:

Fernando sabia construir armas. Susana sabia abandonar homens. Fernando tinha estado na Academia Militar de Pequim. Susana tinha doado as bonecas de sua mãe para um orfanato presbiteriano em Dallas. Fernando tinha uma carta da guerrilheira com quem viveu, guardada quase que por acaso. Susana tinha uma foto de sua mãe. E um dia eles se deitaram na cama com suas memórias, com seus fantasmas, com suas mortes. (LISBOA, 2010, p. 177).

Dessa forma, é a partir de todos esses descentramentos, refletindo a experiência dos deslocamentos de identidades no mundo globalizado, com indivíduos sempre em trânsito, que se constrói a trajetória de Vanja em um mundo que se apresenta cada vez mais desordenado e imapeável. No final da narrativa, com o desejado encontro com o pai biológico, que não se encontrava nos Estados Unidos, mas na África, não faz com que ela reencontre suas raízes nem traz à protagonista a satisfação desejada: “ Estive algumas vezes com meu pai. Fui a Abidjan visitá-lo e à sua família. Falamos um pouco de minha mãe. Não muito. Além de mim, os dois não chegaram a ter muitas coisas em comum. Nem mesmo memórias” (LISBOA, 2010, p. 218).

A obra ressalta o modo como nossas escolhas mais simples afetam nossa vida. Como diz Vanja , no início , ao perder a mãe aos treze anos, ficando praticamente sozinha no mundo, ela poderia sentir pena de si mesma e permanecer parada como se fosse “um vaso com flores de plástico em cima de uma estante” (LISBOA, 2011, p. 55), mas Vanja prefere correr os riscos, uma vez que acontecimentos “pipocam no mundo a todo instante”, e ir a um país desconhecido, morar com o pai que constava na sua certidão de nascimento e procurar pelo pai biológico, do qual não tinha nenhuma pista: “E minha vida ia seguir em frente, porque eu mandava nela, e não ela em mim” (LISBOA, 2010, p. 55).

Para Sartre (1978), é essa possibilidade de escolha que causa o que ele denomina de *angústia*. A angústia decorre da profunda responsabilidade resultante da possibilidade de escolha do homem que, ao escolher para si próprio, legisla para toda a humanidade.

Para Sartre, ao contrário do que diz os críticos marxistas e cristãos, a angústia não leva ao *quietismo* e *inação*. Para ele, essa angústia “trata-se de uma angústia simples, conhecida por todos que têm responsabilidades” (SARTRE, 1978, p. 08). Nesse sentido, o *desamparo* humano decorrente da não existência de Deus, faz com que o homem seja livre para fazer escolhas. Segundo Sartre, “o homem está condenado a ser livre”. E acrescenta: “Condenado porque não criou a si próprio; e no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer” (SARTRE, 1978, p. 09). Assim, “o desamparo implica sermos nós a escolher nosso ser. O desamparo é paralelo da angústia” (SARTRE, 1978, p. 12).

Desse modo, é compreensível o desamparo sentido por Vanja ao perder Fernando, com quem, apesar de improvável, consegue estabelecer uma relação paterna, afetuosa e solidária. “A casa de Fernando na Jay Street em Lakewood, Colorado, foi aos poucos se tornando minha casa também, por hábito. Por costume. Por osmose” (LISBOA, 2010, p. 215). É significativo o questionamento da morte uma vez que “há uma presença, uma não-totalidade ineliminável, que encontra seu fim com a morte” (HEIDEGGER, 2002, p. 23). Essa é umas grandes questões abordadas no romance. No decorrer da morte da mãe e de Fernando, Vanja se questiona se a morte seria realmente o fim de tudo, uma vez que o *ser* passa a ser *ente*. Para Heidegger, cuja obra *Ser e Tempo*, publicada nos conturbados anos 20 do século passado, apresenta um certa proximidade com a psicologia ao propor reflexões importantes acerca da existência do ser, o ser humano deve “a cada vez, assumir sua própria morte”(2002, p. 20). Essa afirmação demonstra que a vida sem a angústia da morte é possível, mas não é autêntica. A morte torna-se, então, o limite do ser, ou seja, o momento em que o homem defronta com o próprio ser, sendo que a morte indica que o ser é um problema temporal e não espacial. Nesse sentido, a identidade relacionada ao espaço ocupado pelo ser no mundo também é revista, de forma existencialista, na obra:

Fiquei me perguntando se o espaço que uma pessoa ocupa no mundo sobrevive à própria pessoa. Se o palco ali armado ainda por certo tempo, o cenário pronto, a deixa repetida várias vezes, aguardando que a pessoa venha mais uma vez desempenhar-se. E só aos poucos as conexões vão de desfazendo, os fios vão se rompendo, as luzes vão se apagando, a pessoa vai morrendo devagar para o mundo depois de ter morrido para si mesma. Se existem duas mortes, uma íntima e individual, uma outra pública e



coletiva, duas mortes que se operam em ritmos diferentes. (LISBOA, 2011, p. 176).

Ao final, embora a obra se configure com um romance de formação, no qual as perdas, encontros e desencontros de Vanja, provoquem um amadurecimento, “aos trancos”, como relata a protagonista, Vanja reconhece que, se tivesse outras escolhas, só mudaria um detalhe em sua história: a separação de Fernando e Susana, tornando a história de amor dos dois definitiva. Ao tornar-se uma jovem, com um emprego em uma biblioteca pública, e já falando quase sem sotaque o idioma americano, Vanja parece adaptar-se a esse mundo de identidades flutuantes: “Num belo dia em me dei conta de que não tinha importância o país onde eu estava. A cidade onde eu estava. Outras coisas tinham importância. Não essas” (LISBOA, 2010, p. 215). Nesse sentido, o título do romance é extremamente significativo, apontando para a questão de um mundo globalizado, unido por memórias frágeis e sutis. *Azul-corvo*, para a protagonista, seria esse elo entre a espontaneidade colorida do Brasil e a formalidade americana: “Enquanto isso, os moluscos do mar de Copacabana silenciavam o mundo dentro de suas conchas azul-corvo. E os corvos sobrevoavam a cidade de Lakewood, Colorado. Os corvos azul-concha” (LISBOA, 2010, p. 41).

Contudo, apesar dessa tentativa de construir uma ponte entre os dois mundos por meio da metáfora do azul-corvo, a epígrafe do romance, extraída de um poema do escritor contemporâneo Heitor Ferraz, reflete o caráter trágico da busca de Vanja e poderia servir como uma conclusão da obra: “somos todos estrangeiros/nesta cidade/neste corpo que acorda”. Ao que, os existencialistas do século passado e os estudiosos da cultura globalizada da época contemporânea poderiam acrescentar: somos todos estrangeiros nessa vida.

### **Bibliografia**

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. (Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro). 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2011.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LISBOA, Adriana. **Azul-corvo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- OILSON, Robert G. **Introdução ao Existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 1970.
- SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. (trad. Vergílio Ferreira/seleção de textos de José Américo Motta Pessanha). São Paulo: Abril Cultural, 1978.